

18. A memória cristã, gosto da vida

Jesus corrigiu Pedro energicamente, para que sua liberdade não fugisse mais da Redenção. Pedro, bem ou mal, faz tesouro desta dura lição. Quando a situação se repetir, no lava-pés, e Pedro reagir novamente com instintividade: "Senhor jamais me lavarás os pés!" (Jo 13,8a), Jesus não precisará mais dar uma chicotada: será suficiente um doce chamado para Pedro endireitar imediatamente, pelo menos, o desejo de sentir como Cristo: «Respondeu-lhe Jesus: "Se eu não vos lavar, não terás parte comigo". Exclamou então Simão Pedro: "Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça!"» (Jo 13,8b-9).

Não é necessário que Pedro tenha uma liberdade sólida, uma liberdade que não cai, não renega, mas uma liberdade *que se corrige*, se reajusta à liberdade de Cristo com humildade e mendicância. O mesmo acontecerá depois de sua negação: Jesus o olha e imediatamente a liberdade de Pedro se reajusta à liberdade de Cristo, isto é, à Sua caridade, ao Seu morrer e ressuscitar por ele, e assim basta chorar, sentir dor pela dor de Cristo, experimentar um sentimento de si, Dele e de tudo, correspondente à Redenção, que ofereça o coração e a vida à Sua obra de Salvação.

Estes sentimentos, sentir e degustar, que correspondem aos sentimentos de Cristo Redentor, são uma memória densa de todo o mistério de Cristo e de toda a nossa vida, ao mesmo tempo. Memória cristã, isto é eucaristia, uma memória que celebra e renova a oferta do mistério pasqual, e para este e neste mistério, toda a realidade criada, história, cultura, a nossa existência, em suma, a Igreja que abraça na Redenção o universo e a humanidade, do começo ao fim dos tempos.

Viver esta densidade de memória, é o dever e a beleza da vida cristã, na qual a vocação monástica é chamada a cultivar e a expressar de modo especial.

A memória de Cristo não é apenas um pensar, um "pensar nisto": é uma experiência global envolvendo a vida toda, para que assim a própria vida se torne verifica e consistência da Realidade celebrada, da Redenção do mundo em Cristo morto e ressuscitado.

Gostaria de destacar alguns aspectos desta memória, que verifica na vida os sentimentos do Redentor, aspectos que em minha opinião, são necessários recuperar sempre, especialmente quando vejo a situação da vida religiosa e monástica hoje.

O primeiro aspecto é o *gosto da vida*. Como dizia, *phronein* é traduzido em latim como *sapere* ou *sentire*, e *sapere* significa também degustar, sentir o gosto. Se degustamos algo, significa que se tornou um bem, uma bondade, uma beleza para nós, em nós; pois assimilamos o sabor. Deus criou o bom gosto dos frutos, para nos convidar a comer, a nos nutrir de coisas boas e, portanto, crescer e viver melhor. Assim como criou a cor e o perfume das flores para atrair as abelhas, borboletas ou outros insetos. O gosto serve para uma assimilação positiva, que faz a vida crescer, viver melhor. Viver com gosto faz viver mais, mais intensamente o bem e a beleza, para entender porque o nosso coração foi feito e nos foi dado.

Digo isto, pois em minha opinião, a fonte de tanta tristeza e infidelidade à vocação na vida consagrada, bem como na vida sacerdotal, e na vida cristã em geral, como por exemplo no matrimônio, vem de uma *insipidez*, de uma falta de capacidade de degustar a vida, e de apreciá-la cem vezes, como Cristo veio para nos consentir. E este é um dano grave não só para as pessoas que não fazem esta experiência, mas pelo testemunho da Redenção, que desta forma, vem omitido aos outros, à Igreja e ao mundo. Quem vive com o gosto dado à vida pela Redenção, é especialista e testemunha da Redenção como possibilidade de realização para todos. *Viver com gosto* é uma missão, irradiação, é como o aroma da carne assada. O perfume é a irradiação do gosto e um convite a degustar. Não por acaso, São Paulo escreve aos Coríntios que somos "o perfume de Cristo" e que Deus "difunde no mundo, através de nós, o perfume do seu conhecimento" (2 Cor 2,14-15). Mas somente seremos se tivermos sabor. A carne assada congelada não exala perfume, pois não há sabor. Então é como se não existisse. Ninguém gosta de comer uma carne assada congelada. E muitas vezes reduzimos a vida cristã e até a vida consagrada a algo congelado, e não degustamos e nem exalamos perfume para convidar outros a degustar. Claro, uma carne assada congelada dura mais tempo. Também uma múmia se conserva por milênios, mas nunca será atraente como uma pessoa viva, que nos olha e sorri.

O problema é, muitas vezes, ter mortificado o gosto da vida em Cristo por temor daquele aproveitar a vida que, como se diz, facilmente faz cair no pecado. Talvez porque não se entendeu a diferença, sutil mas real, entre degustar e aproveitar. Diria que degustar é uma intensidade do viver; o aproveitar, como é entendido na linguagem popular, é um consumir. É possível degustar a vida sem consumi-la, com um respeito, uma gratidão e castidade. Quando o degustar consume para o prazer, destrói a fonte do próprio prazer, e com isso a possibilidade de degustar de novo, de continuar a viver com gosto.

Jesus condenou o prazer auto referencial, ao descrever o rico tolo dizendo para si mesmo: "Óh minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e diverte-te!" (Lc 12,19). Isso! Tem bastante carne assada no congelador, saboreia degustando, consumindo sem parar. Mas o problema é que a vida lhe foi tirada, foi arrancada, não tanto por Deus, e sim pelo seu modo de viver, sua maneira de conceber a vida como instrumento de consumação da alegria, e não como lugar para fazer experiência, degustá-la.

Quanto é lindo ver o espetáculo dos monges ou monjas anciãos, que ao longo da vida, aprenderam a desfrutar cada momento, cada detalhe! Emanam um perfume evangelizador, pois passam o desejo de viver com gosto, plenitude e de conhecer o segredo de sua sabedoria, no sentido etimológico do termo, da capacidade de degustar o real. E o segredo é sempre um: a fidelidade em exercer uma memória do sentido da vida que Cristo deu ao mundo, que Cristo Redentor nos deixou como herança viva para fazermos experiência: "Fazei isto em memória de mim!", isto é, pratique o sentido e o gosto da vida que vivo e deixo com minha Presença, para viver em si e compartilhar entre todos.